

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CONCEIÇÃO, Justo Evangelista. Justo Evangelista Conceição (depoimento, 2004). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 30min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre SOUTH EXCHANGE PROGRAMME FOR RESEARCH ON THE HISTORY OF DEVELOPMENT (SEPHIS). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Justo Evangelista Conceição
(depoimento, 2004)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes; Marco Dreer Buarque;

Local: São Luís - MA - Brasil;

Data: 09/09/2004

Duração: 1h 30min

Arquivo digital - vídeo: 2; Fita cassete: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto "História do Movimento Negro no Brasil", desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis), sediado na Holanda, a partir de setembro de 2003. A pesquisa tem como objetivo a constituição de um acervo de entrevistas com os principais líderes do movimento negro brasileiro. Em 2004 passou a integrar o projeto "Direitos e cidadania", apoiado pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia. As entrevistas subsidiaram a elaboração do livro "Histórias do movimento negro no Brasil - depoimentos ao CPDOC." Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira (orgs.). Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. A escolha do entrevistado se justificou por ter sido o primeiro vereador negro do município de Itapecuru Mirim.

Temas: Alemanha; Câmara Municipal; Casamento; Comissão Pastoral da Terra; Desapropriação de terras; Discriminação racial; Ditadura; Educação; Ensino; Ensino primário; Escravidão; Família; História; Igreja Católica; Infância; Intercâmbio cultural; Maranhão; Movimento camponês; Movimento dos Sem Terra (MST); Movimento negro; Movimentos sociais; Política; Questão agrária; Racismo; Religião; Saúde pública; Sindicatos de trabalhadores;

Sumário

Entrevista: 09.09.2004

Fita 1-A: Origem; o trabalho dos pais como lavradores, na comunidade de Tingidor, no interior do Maranhão; breve comentário sobre a luta por desapropriação de terras e criação de assentamentos em Tingidor; as dificuldades e a carestia durante a infância; a alfabetização tardia e o único estudo de quatro meses pagos pelo entrevistado; a mudança para a comunidade de Santo Antônio dos Mendes e o casamento, aos 17 anos de idade; o casamento, os filhos, o início da vida familiar com muita dificuldade e o desejo de ver os filhos estudarem; a mobilização e o trabalho de alfabetização na comunidade por parte do entrevistado; a aproximação com a Igreja Católica e o trabalho de aproximação e diálogo entre as comunidades, na luta comum por educação, saúde e terra; a repressão da Ditadura Militar aos movimentos populares; o início da participação na Comissão Pastoral da Terra (CPT) e participação em outros dois movimentos: Comunidade Eclesial de Base (CEB) e Animação dos Cristãos no meio Rural (ACR); as viagens para Recife e a revolta pela situação da população negra no Brasil; a entrada definitiva na luta pela terra e as ameaças de morte e perseguições sofridas; as fugas e a ajuda das comunidades; a participação na diretoria eleita para o sindicato dos trabalhadores rurais de Itapecurú Mirim; a expulsão de onde morava por fazendeiros locais.

Fita 1-B: A organização dos lavradores na luta pela terra e a consequente perseguição ao entrevistado; a eleição do entrevistado para a presidência do sindicato dos trabalhadores rurais e o trabalho de desapropriação de terras para a criação de assentamentos; as mudanças e melhorias na comunidade Tingidor; a primeira eleição do entrevistado para a Câmara dos vereadores de Itapecurú Mirim, em 1989; a viagem da mulher do entrevistado, Silvéria dos Reis Conceição, para fazer um tratamento de saúde em Belo Horizonte e o período sem mandato; a segunda eleição para vereador, em 1997; comentários sobre o fato de ter sido o primeiro vereador negro e lavrador do município e a discriminação sofrida por isso; o início do maior engajamento no Movimento Negro, a partir de 1997; a volta à diretoria do sindicato dos trabalhadores rurais e a continuidade da luta por terra, apesar dos problemas de saúde; comentários sobre os aprendizados ao longo da vida; a relação com o advogado Benedito Coroba; comentários sobre a persistência do racismo e da discriminação na sociedade atualmente; o reconhecimento do entrevistado como negro; a participação na coordenação estadual do movimento negro e a criação da Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Estado do Maranhão (Aconerug); o contato com a história da escravidão no Brasil e a influência na atuação do entrevistado; a participação da família no movimento negro; comentários sobre os filhos e a importância da educação.

Fita 2-A: Breve comentário sobre a violência no campo; o trabalho de evangelização e mobilização dos trabalhadores rurais em Teresina; a viagem para Alemanha, em 1994, e o contato com a realidade de outros países; o angariamento de recursos para a Animação dos Cristãos no meio Rural (ACR), na Alemanha; o aprendizado e as conquistas ao longo da vida; comentários sobre a expulsão de onde morava pelo próprio cunhado e a luta judicial que se seguiu; as origens familiares da esposa; a mudança no documento de identidade para se tornar eleitor e votar em um candidato indicado por uma conhecida; comentários sobre o

trabalho do entrevistado ser baseado no evangelho; a ajuda de freis e padres na luta dos camponeses.

Entrevista: 09.09.2004

Verena Alberti – Então senhor Justo, ontem a gente teve a oportunidade de ver o senhor sendo homenageado durante o III Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros pela sua atuação, muito respeito que as pessoas demonstraram pelo senhor, e a gente queria conversar um pouco sobre essa sua atuação e esse seu prêmio que o senhor recebeu merecidamente, conversar um pouco sobre a sua luta, a sua história de vida. Queríamos começar do começo mesmo, perguntando onde o senhor nasceu, quando, os seus pais, como é que era sua família. O senhor nasceu aqui no Maranhão mesmo?

Justo Evangelista – Nasci no Maranhão. Eu nasci em uma pequena comunidade por nome Tingidor. É um nome indígena, me parece, pela história. O Tingidor é 42 quilômetros distante da sede do município de Itapecuru Mirim. Eu nasci e era um povoado pequeno lá, na época. Não tinha acesso para o município lá. Meu pai é Benedito Elias da Conceição.

V.A. – O senhor também é Justo Evangelista da Conceição, ou não?

J.E. – Conceição, não tenho o da. E minha mãe, Antônia Almerita Barbosa. Eu nasci no dia 18 de maio de 1935. Segundo os mais velhos, era um dia de quinta-feira.

V.A. – O seu irmão mais velho?

J.E. – Sou o filho mais velho de meu pai.

V.A. – Não. Quem mais velho que disse?

J.E. – Sou eu.

V.A. – Não. O senhor disse assim: “Segundo os mais velhos era quinta-feira”.

J.E. – Segundo os mais velhos diziam, foi um dia de quinta-feira que eu nasci. Bom, e aí eu me criei até a idade de 16 anos.

V.A. – Os seus pais faziam o quê?

J.E. – Trabalhavam na roça, lavradores mesmo. Não estudaram. Nenhum dos dois assinavam o nome. Meus pais não conheciam letra nenhuma, porque também não tiveram oportunidade de estudar, nasceram nesse interior, que era muito mais isolado antes, não é? E era só a roça mesmo, não tinha uma outra profissão. Criavam galinha, porco, mas só para a manutenção em casa, só isso mesmo.

V.A. – E a roça de mandioca...

J.E. – Plantavam arroz, milho e mandioca consorciado. Só.

V.A. – Como é que é esse sistema de consorciado?

J.E. – Consorciado é que na mesma roça planta o milho, planta a mandioca e planta o arroz, juntos. Tira o milho primeiro, depois tira o arroz em maio e a mandioca fica para tirar dentro de dois anos no mesmo terreno, na mesma área.

V.A. – Mas divide ou planta misturado?

J.E. – Não. Tudo misturado mesmo, na mesma área. A mandioca planta em um espaço, entre a mandioca de um pé para outro, planta o arroz e planta o milho. E entre o espaço de um pé de milho para o outro planta o arroz. É tudo assim misturado, consorciado.

V.A. – E a terrinha era deles?

J.E. – Não. Não era deles. A terrinha era de um proprietário que já é falecido, Antônio de Paulo de Carvalho.

V.A. – E eles pagavam alguma coisa para ele?

J.E. – Não. Pagavam em dia de serviço para eles, fazendo roça para eles porque eles também eram lavradores. Pagavam em dia de serviço, roçavam, derrubavam, plantavam, capinavam e ajudavam a colher. Esse era o fórum que pagavam, a renda que pagavam nesse lugar onde nós nascemos. Era uma comunidade negra, é uma comunidade negra.

V.A. – Esse Tingidor é uma comunidade negra?

J.E. – É uma comunidade negra. Hoje ela tem uma faixa de 160 famílias. É uma área de assentamentos desapropriada pelo Incra, já tem crédito de habitação, Pronaf A. E essa área foi desapropriada pela luta da gente quando estava no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, do qual eu vou contar.

V.A. – Isso. Mas antes o senhor estava contando que o senhor era o irmão mais velho. O senhor teve quantos irmãos?

J.E. – Nós somos oito.

V.A. – O senhor era o mais velho, tinha que tomar conta também dos pequenos?

J.E. – Tinha que tomar conta dos pequenos. Dava até angu quando minha mãe ia para a roça com meu pai. Quando minha mãe ia pescar eu ficava cuidando dos menores, dava comida, aquela comida grosseira. Porque quando eu me entendi, a pobreza era tão grande em casa, na nossa casa, que a gente cozinhava em uma banda de caldeirão de ferro quebrado, que era da época. A gente cozinhava ali. O nosso café, não tenho vergonha de dizer, era passado na panela tirado com uma cocazinha de cabaça que se faz – cabaça é uma planta que tem no interior. Tirava dali, botava na tigela para um, depois botava para outro. Lembro muito bem que na hora de almoçar a gente apanhava a folha de mato que chama-se coaçu grande, ou não, sororoca. Era uma folha grande que a gente botava, terminava de almoçar ou jantar e jogava fora. No outro dia pegava outra, de tanta pobreza que era.

V.A. – Não entendi. O senhor comia essa folha?

J.E. – Não. A gente comia na folha, botava a comida. Vamos supor, isso aqui é a folha: a gente botava a comida aqui.

V.A. – Entendi. Servia de prato.

J.E. – Pronto, servia de prato. Dessa natureza.

V.A. – O senhor teve oito irmãos...

J.E. – Tenho oito irmãos ainda vivos.

V.A. – Todos eles. Com o senhor são nove?

J.E. – Somando comigo sim.

V.A. – E eram quantos meninos e quantas meninas?

J.E. – Nós somos cinco homens e três mulheres.

V.A. – Então são oito. Cinco e três: oito.

J.E. – Oito irmãos. Minha mãe já é falecida e meu pai não sei se está vivo ainda hoje porque quando chegar, vou saber. Sonhei esta noite que tinha morrido. Eu acho que devido o pensamento. Eu acho que não. Então, eu não tive oportunidade de estudar como já falei, e um dia, nós éramos quatro jovens que estávamos assim em uma fila. O de lá sabia ler, eu aqui não, o outro aqui não também e o outro aqui sabia. O dali pegou um papel e escreveu não sei o que foi, me entregou, eu não sabia ler, entreguei aqui para o outro que não sabia ler, entreguei para o que sabia ler. Esse daqui pegou, escreveu, passou para mim de novo, passou para o outro e começaram a rir. E aquilo me decepcionou. Naquele dia mesmo, tinha uma mulher que sabia ler, e eu a contratei por trinta contos na época, não sei qual era a moeda. Estudei apenas quatro meses.

V.A. – Com essa mulher?

J.E. – Só com ela terminou até hoje. Aí o movimento foi que me ensinou. Eu olhava a sua letra, eu olhava no quadro, e eu conversava e ia imitando, ia copiando e isso foi o estudo que eu tive até hoje.

V.A. – O senhor estudou quatro meses só?

J.E. – Só. Pago por mim.

V.A. – Quantos anos o senhor tinha?

J.E. – Na época 17 anos já. E me casei com 17 anos também. Fui logo me casando, aprendendo e casando logo.

V.A. – Então explica isso direitinho para gente. O senhor até os 17 anos morava em Tingidor?

J.E. – Até os 16 anos, como eu falei. Com 17 anos eu já vim para um outro povoado com o nome de Santo Antônio dos Mendes, aonde eu me casei.

V.A. – Aí o senhor deixou... essa situação que tinha, esses meninos em fila, foi aonde, foi no Tingidor?

J.E. – No Tingidor que nascemos, mas nasceram alguns em Santo Antônio dos Mendes ainda, meus irmãos.

V.A. – A minha pergunta é a seguinte: o senhor falou que tem os meninos em fila, um passou o papel para o outro, o outro para o outro...

J.E. – Ah sim, foi em Santo Antônio dos Mendes. Um já morreu. Tem ainda dois vivos desses ainda hoje, desses rapazes que eram na época.

V.A. – E como que o senhor conseguia os 30 contos que eram para pagar? Como que o senhor conseguia esse dinheiro?

J.E. – Meu pai.

V.A. – O senhor pediu para o seu pai?

J.E. – Meu pai. A gente tinha bastante arroz, tinha bastante farinha, tinha bastante milho, tinha bastante criação, a gente vendia. Daquilo vendia, tirava um pouco para pagar, quatro meses apenas.

V.A. – E ela morava perto?

J.E. – Morava perto sim.

V.A. – E esses dois que sabiam ler, tinham aprendido como?

J.E. – Fora, eles tinham estudado no Itapecurú, na cidade, aí estavam lá. Viu o que eu passei? E meus pais diziam, como outros pais de outros jovens lá: “Assim como eu estou vivendo sem estudar, vocês vivem também”. Era a situação. Bom, e com a idade de 17 anos me encontrei com uma jovem, Silvéria dos Reis Conceição, que casamos no dia 27 de novembro de 1955. Casamos lá nesse povoado onde eu nasci, no povoado de Tingidor. Lá nós casamos. Em 1957 veio a primeira filha, Maria José. E tivemos também oito filhos, eu com a Silvéria dos Reis. Quatro homens e quatro mulheres. Mas eu não quis que meus filhos vivessem a vida que eu vivi sem estudar. Porque eu estava alcançando um outro mundo e eu comecei a botar os meus filhos para estudar. O interior começou a desenvolver, teve professora no interior e eu botei a minha filha mais velha Maria José para estudar, enquanto isso os outros estavam pequenos. Aí eu mudei de Santo Antônio dos Mendes para outro lugar. Tinha dois filhos. Não me dei no outro lugar, que era no Mirinzal. Lá não tinha nada, eu não tinha levado nada, e comecei a sofrer. Fiquei sem roupa, fiquei sem alimento, e até aonde dormir com os meus filhos. Voltei de novo, mas não voltei para Santo Antônio dos Mendes, voltei para Alto de Pedra, onde meus

pais estavam morando. Alto de Pedra município de Santa Rita, mas pertinho de Santo Antônio. Lá eu cheguei em 1961. Pobreza enorme. Eu ia trabalhar alugado para comprar o alimento. Eu trabalhava um dia de serviço capinando roça, limpando roça, trocando por cinco quilos de farinha. Chegava em casa não tinha mistura. A gente fazia às vezes um mingau de farinha e ali vivia. Fizemos o nosso rancho aonde era uma casa que botavam animais. Nós limpamos e ali ficamos porque não tinha outro lugar. Nós ficamos ali, ruim, a mulher chorava devido a situação. Depois nós fizemos um rancho de palha de coco babaçu e ficamos lá. Nessa pobreza levamos mais de ano. Quase dois anos, meu pai me ajudando e a gente ali vivendo. Quando foi de 1963 em diante começou a melhorar, já tinha lavoura para comer, já não ia mais trabalhar fora, a gente já se mantinha do que trabalhava.

Então, quando deu por volta de 1963, 64, e observando esse povoado, que é uma comunidade negra, ninguém sabia ler, nem os adultos, nem criança, ninguém, nem os velhos. Meus pais, já disse que não sabiam. E eu comecei a ensinar eles voluntariamente de noite. Aquilo que eu sabia, aquele pouquinho, ao menos fazer o nome. E eu comecei. Até os meus pais estudaram comigo. Hoje, poucos deles que ainda estão lá, não sabem assinar o nome, pouquíssimos. Só mesmo isso, mas aprenderam. Depois, em 1966, apareceu aquele ensinamento, o Mobral. Era um projeto do governo federal de alfabetizar os adultos à noite. E eu comecei também pelo Mobral. Mas o meu conhecimento pouco, e tinha uma professora em outro povoado e eu chamei para o nosso povoado para ajudar. E ela veio e ajudou, Maria Negra, conhecida assim. E nós trabalhamos, bem poucos não aprenderam a assinar seu nome. Depois a minha filha foi para lá, essa que eu tinha botado para estudar, e ela ficou como professora, já ajudando outras comunidades. Aí quando deu em 66 eu entrei em um movimento por nome Catequese, um movimento pela Igreja. E eu, naquela comunidade, assumi o papel de dirigente. Eu assumindo o papel de dirigente naquela comunidade, eu comecei a fazer reunião nas outras comunidades, criando comunidades e deixando lá dirigentes. Em 1967 a Igreja vendo o meu trabalho, começou a aparecer padre para nos ajudar. Apareceu primeiro o padre Luís, que tinha o apelido de Lula, depois veio o padre Miguel, depois teve o frei Godofredo, depois teve o padre João Maria. Com esses padres nós intensificamos o trabalho nas outras comunidades, nos outros municípios, fizemos encontros regionais que juntavam até 300 lavradores e lavradoras. Era um trabalho feito na base do evangelho, um trabalho de conscientização e ali, nesse trabalho de conscientização, a gente já tinha como meta despertar pela Educação, pela Saúde e a luta pela terra. Dali que eu comecei. No mesmo ano, 1967, eu entrei em outro

movimento por nome ACR, Animação dos Cristãos no meio Rural. Ele tinha um boletim por nome *Gripe no Nordeste*. Ele atingia apenas nove estados do Nordeste, justamente os estados mais pobres. Esse movimento tinha uma meta de trabalho, ele trabalhava na meta do ver, julgar e agir. Ver, quando a gente se reunia para pegar essa meta do ver, ver primeiro a situação que as comunidades passavam, se era a situação de terra, se era de ameaça; por que estava acontecendo essa situação; quem estava envolvido naquilo; quem era o causador. Esse era o primeiro ponto do ver. Segundo, julgar. O que Deus diz dessa situação na vida das pessoas? Deus gosta? Por que Deus gosta? Se não gosta, por que Deus não gosta? Aonde está escrito isso no evangelho, se Deus gosta ou não? A se procurava um texto para confrontar. Se havia praticamente uma situação de injustiça, situação de perseguição, Deus não gosta. E o terceiro ponto: nós já vimos a situação, já julgamos a situação na palavra de Deus, o que vamos fazer agora para mudar esse quadro? Então era a meta desse ponto. Esse movimento era dedicado a trabalhar com o lavrador, com o cortador de cana de açúcar, com a mulher quebradeira de côco e com as viúvas vítimas da violência, porque em 1964 apareceu o Golpe Militar que era repressão. Então a Igreja e os movimentos populares sofreram muito. Morreu padre, morreu sindicalista, morreram muitos lavradores na época. Principalmente aqueles se dedicavam às lutas dos pequenos, morreu muita gente. Teve um momento que ia viajando para Recife, eu viajei três anos, e às vezes levava correspondência no bolso para Recife. E aqui no Maranhão, acho que como em todo o Brasil, tinha um movimento da polícia por nome Dops, que acompanhava você no transporte sem você perceber a vida toda e dizia tudo depois que a gente tinha feito e para onde a gente tinha ido. E eu às vezes, quando entrava uma pessoa estranha no ônibus, eu tirava a carta no bolso e mordida porque pensava de ser entrevistado e acharem aquela carta dos companheiros no bolso, cansei de fazer.

V.A. – Mordia e engolia?

J.E. – Mordia, amassava e jogava fora.

V.A. – Mordia com a mão assim?

J.E. – Na boca mesmo, amassava, acabava de tirar e jogava fora. Queimamos muitos materiais de reunião, relatórios, porque a gente foi revistado, muitas reuniões nossa foram atacadas pela

polícia. O movimento parou um pouco... e nós fomos atacados em encontros pela polícia, morreu gente. Depois eu entrei em outro movimento: CPT, Comissão Pastoral da Terra, porque ela tinha advogados, tinha bastante advogados. Então nessa época eu já fazia parte de três movimentos, era a CEB, Comunidade Eclesial de Base, a ACR, Animação dos Cristãos no meio Rural e a CPT, Comissão Pastoral da Terra. Porque nós já estávamos envolvidos na luta pela terra e ela tinha assessor jurídico para nos ajudar nessa questão. Então, aí eu comecei a participar dos encontros, fiz parte de uma coordenação municipal, depois de uma coordenação estadual e depois de uma coordenação nacional. Na coordenação nacional, pela ACR, durante três anos a gente ia todo mês em Recife e se reunia lá no seminário em Olinda, na antiga capital de Recife. Ali a gente via no pelourinho aonde os negros que vieram da África ficavam presos e eram vendidos no mercado. Foi ali que eu comecei a me revoltar. Quando eu via aonde os negros que vieram dos navios ficavam, em um lugar isolado, em um lugar sem janelas, em um lugar se acesso. E dali ia para o mercado aonde eles eram negociados botando apenas a cara em uma portinha assim para ser olhado. Aí eu não aguentei. Eu fiquei revoltado pela situação que nós negros, que viemos da África, passamos e estávamos passando aqui no Brasil. Foi dali que eu comecei a me revoltar e me integrar nessa luta.

V.A. – Isso foi quando? Quando o senhor ia para Recife, quando era?

J.E. – Isso aí já era quase nos anos 1980, nessa faixa aí. Da equipe nacional, que justamente fazia uma coordenação entre os outros estados, os nove estados do Nordeste – a senhora sabe que o Nordeste é composto de nove estados – eu voltei de novo para a equipe estadual e um outro companheiro assumiu a nacional. Depois da estadual voltei de novo para a base, dando oportunidade para os outros. Só que quando veio próximo aos anos 1980, que eu entrei na luta de verdade pela terra, comecei a sofrer ameaças de morte, fui perseguido. Eu nunca vi um milagre tão grande como já aconteceu na minha vida. Porque tão perseguido que eu fui e nunca ninguém me encontrava para tirar a minha vida. Nunca ninguém me encontrou. Era planejado, quando eles planejavam eu sabia, e eu dava um jeito de me esconder. Eu passei semanas em outras comunidades sem poder vir em casa. Uma das vezes meu filho Raimundinho me substituindo na roça, a roça tinha muita praga, e ele foi botar veneno [andreti]¹, que era um

¹ O mais próximo do que se pôde ouvir.

veneno muito perigoso, e entrou no nariz dele e ele se envenenou, caiu e os vizinhos juntaram-se lá em casa e eu na outra comunidade sem poder ir olhar meu filho em casa. Uma das vezes que eu vim meia-noite olhar ele e os vizinhos levaram para a cidade, para o hospital, mas eu não pude acompanhar porque eu não podia sair nem aparecer porque estava sendo perseguido. Mas meu filho escapou. Levou muitos dias doente mas escapou. Então, eu para vir em casa, tinha que escolher a hora, ia acompanhado e tinha que voltar à noite de novo. A minha casa era tapada por cima de palha de coco, se estragou tudo, já estava chovendo e eu não podia cobrir. E quando foi um dia, uma pessoa da cidade, da família dos perseguidores, foram na minha casa e chamaram minha mulher: “Silvéria, vem cá que eu quero te falar uma coisa”. Era uma outra mulher. Ela foi e disse: “Olha, o Justo pode ter cuidado que ele vai morrer, porque os fazendeiros contrataram três pessoas para um deles tirar a vida dele aí. Foi fulano, fulano e ciclano”. Disse para a minha mulher. E quando ela saiu, foi embora, a minha mulher me contou. Eu disse: “Mas eu não vou fugir. Eu vou ficar com cuidado”. Aí, quando foi um dia, seis horas da manhã, eu olhei na estrada e vinha um deles. Nu da camisa, camisa nas costas, mas estava com uma doze, uma faca deste tamanho assim, atrás das costas e a camisa jogada por cima. E eu vi. E eu quis fazer uma besteira com ele, depois eu disse: “Não. Eu vou me livrar”. Ele ficou lá na estrada sem poder ir para casa e eu chamei ele para vir, ele veio e eu saí pela outra porta. Ele veio, eu mandei entrar e peguei a porta do quarto e mandei ele entrar. E mandei a mulher botar leite para ele, botar peixe assado e botar café, e eu na porta do quarto. Só que se ele fosse para o quarto não dava porque eu estava prevenido para ele. Ele chegou seis horas, saiu nove horas do dia e não teve coragem. E quando voltou entregou o dinheiro para o cara que tinha mandado ele, porque ele não tinha coragem pela maneira que ele foi recebido na minha casa. Viu? E assim nenhum dos dois deu certo. Mas depois aperreou tanto e fui obrigado a fugir. Eu saí do Itapecurú, do Itapecurú eu fui a Vargem Grande, outra cidade; de Vargem Grande eu fui a Coroatá, que é outra cidade; de Coroatá saí para Bacabal que é outra cidade onde passei duas semanas. E nessa saída minha, o pessoal das comunidades se reuniu, de outros municípios, de outros movimentos e fizeram uma concentração, um ato público dizendo que minha família não era só pai, irmão e filhos, mas sim todas as comunidades, todos os movimentos. E se acaso acontecesse alguma coisa comigo, eles já sabiam quem era e ia pagar caro o preço. E em um dia tiraram a palha de minha casa e cobriram. Uns ficavam trabalhando e outros olhando para ver se vinham os adversários. Depois disso que eu pude chegar em casa.

Bom, e eu cheguei, continuei o meu trabalho, e logo nesse ano se aproximou a eleição do sindicato dos trabalhadores rurais de Itapecurú Mirim e eu concorri àquela diretoria como suplente de tesoureiro. Ganhamos e o tesoureiro com medo de ter um prejuízo lá, foi cassado. E eu passei a ser efetivo na diretoria.

V.A. – Quando foi que o senhor foi eleito?

J.E. – Foi em 1984 para 85. Mas, antes disso, foi nessa mesma época, em 84, eu fui expulso de onde eu estava pelos meus cunhados e pelo fazendeiro. O fazendeiro que na época me ameaçavam era João Rodrigues Sampaio, e era e é dono dessa rede de supermercados Preço Bom de São Luís. Preço Bom ou Bom Preço essa rede é dele, disputa com a Lusitana, é muito rico. E o outro era um senhor por nome Raimundo Roma. Esse comprava terra e só vivia de comercializar. Comprava e vendia, comprava de fazendeiro e vendia para fazendeiro. E ele queria vender uma grande área dizendo que não tinha lavrador dentro da área. E foi o ano que entrou a...

[FINAL DA FITA 1 - A]

V.A. – Era o Raimundo Roma que queria...

J.E. – Vender uma área de mais de 3 mil hectares de terra dizendo que ali não tinha lavrador dentro da área. E eu sabia que tinha. E foi o ano da ação discriminatória nos municípios de Itapecurú Mirim e de Santa Rita e eu procurei os lavradores, nos reunimos, vim aqui em São Luís na CPT, Comissão Pastoral da Terra, arrumei três advogados. E fizemos reconhecimento dentro do cartório como existia dentro da área, reconhecemos a firma de todos eles. Só do município de Itapecurú Mirim 120 famílias e de Santa Rita 60. Foi um sofrimento, porque nós tínhamos que pedir dinheiro para reconhecer firma dos lavradores no cartório, pedindo dinheiro e os lavradores vendiam arroz para arrumar aquele dinheiro, para declarar que justamente aquela área era ocupada. Ah minha amiga, aí foi que veio a perseguição! Perseguição de morte. Mas aí eu fui para a diretoria do sindicato, como já falei, e depois eu me candidatei a presidente do sindicato, escolhido pelos lavradores e ganhei, fui ser presidente do sindicato. Agora, quando eu fui presidente do sindicato eu botei os pés no chão. Nós desapropriamos 18 mil

hectares de terra, inclusive essas áreas que estavam em litígio, todas elas. Foram desapropriadas uma por uma, hoje todas são áreas de assentamentos. Inclusive o povoado onde eu moro, são 5.600 hectares de terra e 300 e poucas famílias assentadas. No nosso povoado nós temos, só de alvenaria, 104 casas de tijolos. Temos quatro poços artesianos, água encanada nas casas, um trator para carregar mandioca e ajudar a arar as terras, quatro açudes, hoje o Tingidor é outro. No outro ano, dois anos depois, nós fizemos uma assembleia geral para escolher um trabalhador para ser o representante na Câmara dos vereadores. E eu fui escolhido por unanimidade no meio dos lavradores. Assumi uma cadeira naquele poder legislativo.

V.A. – De Itapecurú Mirim?

J.E. – De Itapecurú Mirim.

V.A. – O senhor foi vereador quando lá?

J.E. – Eu fui vereador, no primeiro ano foi... está aqui o tempo...

V.A. – De 1997 a 2000.

J.E. – Esse foi o último mandato. Mas foi em 1989, assumi em 1990.

V.A. – E o senhor foi reeleito até 2000?

J.E. – Não. Eu perdi uma porque minha mulher adoeceu e nós tivemos que mandar ela para Belo Horizonte, porque em Itapecurú disseram que era câncer no ovário, trouxemos aqui para São Luís e levamos a três médicos, disseram que era câncer no ovário e tinha que tirar o útero todo; e nós temos uma filha em Belo Horizonte e aí nós vendemos uma vaca, tiramos passagens de avião a prestação e mandamos ela para Minas Gerais. E lá não tinha nada disso, foi só fazer uma queimação que está vivendo até hoje. E aí, foi no período da campanha, e eu tive aquele período sem mandato, fiquei na suplência. Na outra me candidatei e ganhei de novo, que é essa aqui.

V.A. – De 1997 a 2000. Quer dizer que o senhor entrou em 1990?

J.E. – Em 90. Aí tirei um mandato e outro não, aí no outro sim, que é esse aqui.

V.A. – E agora, o senhor não é mais?

J.E. – Não sou mais, é meu filho. Ele ganhou também.

V.A. – E como é o nome do seu filho?

J.E. – Aldemir dos Reis Conceição. É vereador, está vencendo o mandato.

Amílcar Araujo Pereira – Segundo a homenagem de ontem, o senhor foi o primeiro vereador negro de Itapecurú.

J.E. – Primeiro vereador negro e lavrador. Quando eu entrei naquela Câmara, naquela casa, fizemos um juramento para poder tomar posse e o presidente da Câmara naquela época foi um senhor por nome Raimundo Índio do Brasil Bandeira de Melo. A Câmara lá tem uma estrutura que tem gabinete para todos os vereadores, mas ele deu para todos os vereadores e o meu não deu. E eu vivia sozinho. E nenhum dos companheiros, colegas vereadores, se sensibilizaram com isso, por eu não ter recebido o meu gabinete.

V.A. – Quantos vereadores são?

J.E. – Treze. E aí um dia eu me revoltei, com um ano e meio eu me revoltei e entrei no gabinete dele, até com pensamento ruim, porque ele vivia me perseguindo na nossa comunidade, nesse povoado de Tingidor, ele ia e dizia – porque eu era contra o prefeito – que um vereador que terminava um mandato e não plantava nem um pé de caju não merecia a confiança dos outros. Ele foi, pediu ao governo do estado um poço, botou no nosso povoado para me desmoralizar. E eu me revoltei com isso, entrei no gabinete dele, chamei ele de moleque. Ele quis levantar para cima de mim, porque ele é um jovem muito forte, e eu disse: “Não vem porque tu te

arrebenta”. Ele não sabia o que eu tinha. E ele não veio. No outro dia apareceu a placa no meu gabinete com o meu nome. Mas eu não usei. Tirei o resto do exercício sem. Fui discriminado.

V.A. – O senhor não usou por quê?

J.E. – Eu já tinha passado um ano e meio, então tirava o resto do mandato mesmo assim andando pelas salas lá. Mas fui muito discriminado, porque eu também falava muito na situação do negro, na situação do lavrador, no problema da terra, porque eu não saí, eu fui vereador e continuei na luta. Porque eu tinha amizade com a CPT, tinha amizade com a Fetaema, Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado do Maranhão, que todos os sindicatos do estado são filiados a ela, e arrumava advogados. Então foi um momento difícil. E quando deu também em 1997, eu entrei também no movimento negro. Chegou o Ivan, porque eu já fazia parte do movimento negro não sendo engajado mesmo no movimento que já tinha aqui em São Luís, o CCN, que é o Centro de Cultura Negra.

V.A. – O senhor já fazia parte?

J.E. – Comecei a fazer parte depois que eu estava no sindicato. Esse Ivan chegou lá, era um período em que eu estava ameaçado lá dentro do sindicato, o Ivan chegou e me escondi com medo, porque eu não conhecia e ele chegou com três pessoas lá. Eu já tinha sofrido grandes ameaças e eu me escondi. Depois ele disse que eu aparecesse porque ele era do movimento negro e estava ali para conversar com a gente. E eu saí. Então ele me perguntou se ali tinha a organização dos negros, se nas comunidades negras tinha conflito. E eu que conhecia, sabia que tinha, disse que tinha. Ele perguntou se eu poderia levar ele lá. Eu disse que poderia. E se eu queria também assumir esse trabalho nas comunidades negras. Eu disse que queria. Aí eu passei a fazer a coordenação e levei eles à Santa Maria dos Pinheiros, que era uma comunidade em litígio; levei ele ao Piqui, que era uma área de conflito; levei à Santa Rosa; levei ao Coritiba; levei ao Mirim, que é um povoado. Aí o PVN, que é o Projeto Vida de Negro, tinha um advogado por nome Pedrosa, e nós fomos lá e assumimos essas causas. Foi perigoso aí de novo, mas em parceria com o Itema e com o Incra, nós só conseguimos desapropriar outras áreas e nas outras áreas fizemos o levantamento e o cadastro pelo estado, mas o estado, como sempre, até hoje não dispõe de recursos para a aquisição de áreas remanescentes de quilombos. Esses

processos... o decreto caducou, era no governo Roseana, foi posto no decreto e com dois anos caducou esse decreto. A gente esperando a legalização do Artigo 68, que agora com o Lula foi legalizado, e nós estamos dando andamento agora de novo. E eu voltei à diretoria daquele sindicato agora de novo. Não como presidente, mas como secretário de políticas agrárias, agrícolas e meio ambiente. Então já estou na luta da terra de novo. E adoeci agora há poucos dias, quase morri, ainda não estou bem de saúde. Você sabe, eu não estava lá porque ainda não estou bem de saúde, a diabete estava muito alta, passou de 500. Eu entortei a boca, perdi a fala e estou tomando insulina todo santo dia de manhã e à tarde para poder aguentar, porque o médico disse: “Se voltar, não tem condições de resistir”. Tenho um problema de rins. Tenho um rim estragado do lado direito e tenho próstata também. Estou com vontade de ir até Teresina para ver se eu consigo ter uma vida mais... porque ontem o meu rim estava doendo demais. Hoje não. Aqui me doía. Fiquei muitas horas deitado lá do lado de fora em cima assim, para os rins ajeitarem um pouco. Mas vou me tratar se Deus quiser. Mas mesmo doente, uma comunidade lá foi ameaçada por um sujeito, o lavrador apanhou de facção, mulher gestante caiu e deu vertigem porque estavam tocando fogo na casa. Cercaram a casa de todo mundo com arame, não deixou caminho de fonte, não deixou nada, e eu vim aqui em São Luís, levei uma advogada mulher, Avelina da Fetaema, e nós entramos com manutenção de posse de garantia daquelas famílias. A audiência foi agora no dia 24 de agosto e o juiz deu a liminar de manutenção de posse para as famílias. E eu doente, quase dando vertigem no fórum, mas eu não podia ver aquelas famílias sofrendo, morrendo humilhadas sem que eu dedicasse a eles aquela coragem e essa inteligência que eu ainda tenho. Eu não podia ver de jeito nenhum. Não tinha outro para assumir, foi o jeito a gente. E eles estão lá. E a informação que eu tive é que por esses dois dias o proprietário está indo embora da área. E ele vai, porque Deus vai tirar. Eu disse para eles: “Olha, o nosso maior advogado, acima da que nós temos, a doutora Avelina, é Deus que sabe que vocês merecem, que precisam daquela terra porque dali vocês tiram os alimentos para os filhos de vocês. Vocês não têm para onde ir, não tem onde trabalhar, a única alternativa é essa e Deus vai ajudar isso daí”. E anteontem, quando eu vim para cá, eu disse isso para eles. E está aí, e eles estão lá. Então minha amiga, eu descobri uma coisa muito importante na minha vida que eu não aprendi em escola, porque não tive oportunidade, mas aprendi na vida. O que eu aprendi na vida? É que a inteligência que a gente tem, a força que a gente tem, o saber que a gente tem, a coragem que a gente tem, devemos dedicar àqueles que não tem coragem, àqueles que não tem força e àqueles que não tem inteligência. E é assim que

a gente pode dizer: “Eu vivi e eu estou vivendo”. Porque não adianta a gente ter estudado, a gente ter força, a gente ter coragem, para não dedicar àqueles mais fracos, àqueles que não têm coragem. A gente assim não vive, a gente assim passa pela vida. E nós não estamos aqui para passar pela vida, porque aqui nós estamos é passando, e esse período que estamos passando devemos aproveitar. E só pode se aproveitar é assim.

Então nós negros não podemos sair dessa escravidão se não temos oportunidade de estudar. Nós negros não podemos sair dessa escravidão se não temos oportunidade de trabalhar. Nós negros não podemos sair dessa escravidão se não temos oportunidade de termos saúde. Nós não podemos sair dessa escravidão se ainda passamos fome. Nós não podemos sair dessa escravidão se ainda enfrentamos esse racismo, essa discriminação. Nós continuamos sendo escravos de uma maneira ou de outra. Nós não somos contra branco, só que na sociedade... eu fui vereador, quando eu fui vereador eu andava bem ajeitado e andava com um deputado que foi nosso advogado no sindicato, Benedito Coroba, foi o advogado que mais ajudou o trabalhador rural. Jovem, não tinha nadinha, casou com uma pernambucana. E a família dela rica, e ele pobre. Depois que casou nós tivemos a luta no sindicato e ele disse: “Eu vou ser advogado de vocês voluntário”. E nessa época foi instalada aqui a Vale do Rio Doce, e ofereceu um salário altíssimo para ele ir trabalhar como advogado para a Vale. E ele veio conosco, dentro de um carrinho velho que ele tinha, e entrava no escritório, entrava e saía: “Eu assumo o contrato e deixo vocês ou deixo esse contrato e vou assumir com vocês?” Eu disse: “Benedito, eu não sei. Porque nós não temos nada para te manter”. E uma hora ele entrou lá e saiu e disse: “Rapaz, ma acabo agora, mas vou voltar para Itapecurú e assumir essa causa com vocês”. Esse advogado teve dia de nós, trabalhadores rurais, fazermos vaquinha para comprar um pacote de café daquele pequeno para tomarmos na casa dele, porque todo mundo estava lá na casa dele. Ele chorava e dizia: “Trouxe a mulher alheia, casei com ela para passar fome no meu poder”. Eu dizia: “Benedito, essa situação passa”. E ele enfrentando com a gente. Eu disse: “Mas Benedito, isso é pela nossa causa”. Ele disse: “Não é não. Não é pela causa de vocês não”. E esse advogado tirou muitos lavradores da cadeia. E acompanhou e defendeu perante o juiz, em comunidades que tinham liminares de entrega de posse para os proprietários despejarem os lavradores, e não foram despejados. E esse advogado fez um curso para promotor de Justiça, passou. Esse advogado, nós escolhemos para ser nosso representante na Assembleia Legislativa aqui no estado, foi eleito. E hoje é o promotor mais famoso que tem na região e não tem mais aquela necessidade que tinha não. Eu falei: “Eu te disse que Deus ia te ajudar”.

V.A. – Mas o senhor estava dizendo que o senhor andava arrumado junto dele.

J.E. – Com ele, porque ele era deputado na época e eu vereador, sim, voltando ao assunto. E eu cansei de chegar em casa aqui em São Luís com ele, a gente saltava e eu ficava sempre em um terraço assim, aí às vezes a família lá dizia: “Benedito, diz para seu motorista vir aqui”.

V.A. – Na casa dele?

J.E. – Na casa de família dele. Vê o tanto que eu era discriminado. Ele dizia: “Não rapaz, esse não é meu motorista. Meu motorista sou eu. Ele é um vereador”. Aí eles ficavam com vergonha. Eu cheguei em lugar, em Chapadinha, tinha um deputado lá, o Wagner Pessoa. Aí nós chegamos, era um festejo, tinha um leilão e eu estava em pé atrás desse deputado, no meio de muita gente. O cara que estava gritando no leilão me conhecia, disse: “Agora, para gritar o leilão tem um deputado e tem um vereador”. Ele olhou para trás, passou a vista por cima de mim assim, assim, assim, e nunca me enxergou. Porque era um negro. Ele nem imaginava que eu era vereador, porque não parecia mesmo vereador. Então por isso que nós dissemos assim: “Que a luta nossa como negro não é discriminando também os brancos, porque os brancos pobres sofrem do mesmo jeito a discriminação, só que nessa sociedade que nós estamos agora de último lugar é o negro”. E graças a Deus, tem branco que está nos ajudando, que está se dedicando, muitas vezes até voluntário, está se dedicando à nossa luta. Porque nós sozinhos também não poderíamos ir a lugar nenhum, nem vamos, se não formos junto com vocês, se não formos junto com os brancos também. Mas na realidade a gente sofre. Ainda hoje em Itapecurú Mirim eu sei que muitos falam, tem muitos comerciantes lá que gostam de mim, essa coisa toda, mas tem outros lá, empresários, essa coisa toda, que quando eu estou no grupo dos outros brancos que me consideram, vem, fala com todo mundo, pega na mão de todo mundo e, se muito, diz “oi” para gente. Isso, eu estou sentindo. Então essa é uma verdade. A gente, de qualquer forma, é muito querido hoje para os políticos, essa coisa toda, não é porque eles vêm... eles estão me engolindo porque eles sabem que a gente tem força política nas comunidades e se é que essa amizade que ele tem comigo é amizade mesmo, eu estou sendo um instrumento, porque eles podem me usar como um instrumento deles. Ou é amizade ou é igualdade que eles estão considerando? Eu fico pensando. Eu imagino e me pergunto.

V.A. – Seu justo, o senhor disse que a partir de, acho que de 1997, o senhor entrou para o movimento negro, com o Ivan que foi lá, não é?

J.E. – Sim.

V.A. – Até então o senhor estava no movimento dos trabalhadores rurais.

J.E. – Embora trabalhando com as comunidades negra, mas identificado mesmo com os trabalhadores rurais. E tinha uma outra coisa, que era muito triste: eu nunca me tinha como negro. Me tinha como pardo, me tinha como outra coisa, como se fosse a pior coisa do mundo ser negro. Porque as pessoas diziam que negro é porco, negro quando não suja na entrada suja na saída, negro é não sei o quê... Então com aquilo me deram uma lavagem. Depois que eu fui descobrir, que eu me aceito hoje com muito orgulho, digo: “Sou um negro bonito”. Tenho orgulho de ser negro mesmo, me assumo com todo o carinho com tudo. Mas na nossa própria comunidade, eu fui fazer uma sindicalização, então a gente tem que botar na ficha: “Qual é tua cor?” Ninguém disse negro. Pardo, cor de canela, como eu ouvi falar ali, moreno, negro não. Desse jeito. É porque a pessoa não se assume. Foi aí que eu passei a me assumir. Então, no movimento negro eu passei logo a fazer parte da coordenação estadual provisória. Nesse conselho eu fazia parte da secretaria de finanças. E aí eu trabalhava junto com a sociedade, junto com o CCN, porque é a mesma coisa trabalhava tudo em parceria com o PVN. E logo no outro ano, em seguida, a gente criou a associação mesmo das comunidades negras rurais, que é a Aconeruq, Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Estado do Maranhão. Aí eu voltei de novo para base e um outro companheiro assumiu e está até hoje na coordenação estadual. Eu sempre vou e volto. Eu sempre vou para o estado e volto para a base, sempre foi meu jeito esse, dar oportunidade. Nunca quis ficar assim. Fui vereador dois anos e já saí, agora é meu filho. Eu nunca fui pessoa de querer o poder só para mim. Eu gosto sempre que o Justo seja transformado em outros, porque eu sozinho não aguento. Olha a minha idade hoje. Temos muitas lideranças, tanto no movimento negro como sindicalistas, que assumem hoje quase a mesma tarefa que eu assumo hoje. Porque eu não sou só o Justo, eu sou um Justo multiplicado. Todo o meu pensamento foi esse. Eu nunca quis ser por ser. Eu quero ser para os

outros serem também, porque isso é bonito, não é? E é bom. E faz parte de ser irmão, e faz parte de ser família, não é isso?

A.P. – Senhor Justo, quando o senhor fazia parte da comissão nacional da ACR, que o senhor ia para Recife, o senhor viu a situação do negro que chegava no Brasil, o quartinho que ficavam. Ali o senhor se identificava como negro? É ali que começa essa...

J.E. – Ali que começa. Só que ali eu não descobri o corpo. Porque nesse momento eu ainda não assumia a minha... eu via assim o sofrimento do negro como negro, não que eu dissesse assim “eu negro”. Eu sabia que a nossa ascendência veio da África, mas eu não ainda não assumia essa verdadeira identidade como negro. Na luta sim, mas na cor eu não me assumia. Mas foi ali que eu comecei a sentir na pele. E depois tivemos um outro encontro em Coroatá e lá passaram um vídeo no dia 13 de maio. Pronto: ali eu quase não pude resistir, porque eu também sou católico, mas vi como a própria Igreja errou para conosco. E eu me calei, não transmiti para as outras comunidades a situação que a Igreja fez que abençoou a nós para sermos entregues para os ricos, para nos entregar para sermos apanhados. Foi uma situação triste. Aquilo ali me trouxe quase que revolta, essa coisa toda. Foi muito difícil. Mas no Recife que eu comecei e na Bahia.

V.A. – Na Bahia o quê?

J.E. – Na Bahia foi que eu vi também essa situação. No Recife além de ver o mercado onde os negros eram vendidos, eu fui em um museu onde a gente viu os ferros que os negros que os negros trabalhavam, os machados do outro tempo, e vi os chicotes com que eles apanhavam, vi as correntes onde eles foram amarrados, vi os modelos de engenho nos arquivos, aqueles retratos, e mesmo feito em madeira como era, vi os carros em que eles carregavam os brancos... aquilo ali começou a me doer.

V.A. – O vídeo que o senhor disse que viu era sobre o quê?

J.E. – Passado no dia 13 de maio, que dizem que o negro foi libertado, essa coisa toda. Mas esse vídeo passou a situação do negro quando era escravo, a situação nua e crua quando era

escravo. Não foi a libertação, foi a situação para depois chegar ali. E além de passar o vídeo houve uma dramatização. A dramatização foi muito bem preparada lá na diocese do nosso bispo Dom Reinaldo.

A.P. – Isso foi em Salvador?

J.E. – Não. Isso foi aqui já no Maranhão, em Coroatá. Em Salvador eu vi só mesmo o museu, essas coisas todas. Em Recife foi que eu vi o mercado dos negros, porque eles saiam dos navios e entravam em um casarão grande e daquele casarão grande iam para o mercado. Chama-se pelourinho lá. Eu vi também em Alcântara onde os negros eram presos. Mas não é como em Recife. Em Recife é pior. E aqui no Maranhão tem também na beira da praia, onde eles vinham nos navios e ficavam presos a ele, não sei quem era que fazia...

A.P. – O senhor lembra em que ano que o senhor viu esse vídeo no 13 de maio?

V.A. – No Coroatá.

J.E. – No Coroatá, eu não estou lembrando o ano.

V.A. – Foi depois que o senhor conheceu o Ivan?

J.E. – Foi depois que eu conheci o Ivan.

A.P. – Era um trabalho do CCN?

J.E. – Não. Esse era um trabalho das sedes junto com a comunidade eclesial de base. A comunidade eclesial de base foi convidada pelo Dom Reinaldo. Porque eu fazia dos dois movimentos, da ACR e das sedes. Eu manei mais a ACR depois que eu entrei justamente na Associação dos Negros porque eu não aguentava mais a tarefa. Hoje eu estou menos na ACR, menos nas sedes e estou mais só no movimento negro diretamente.

V.A. – Da sua família, dos seus irmãos, outras pessoas também participaram?

J.E. – Não são muito engajados, eles participam, me apoiam, mas não fazem um trabalho ingressado. Meus filhos que estão começando, meus filhos, minha filha e um neto que é universitário. Esse é integrado mesmo diretamente.

V.A. – Como é o nome dele?

J.E. – Manelzinho, Manuel Mendes Reis.

V.A. – Os oito filhos do senhor, onde estão?

J.E. – Eu tenho um em Fortaleza, ele trabalha em uma empresa, ele é marceneiro. Tem uma, essa mais velha, a Maria José, está aqui em São Luís. Ela é enfermeira concursada, trabalha pelo estado no hospital Marli Sarney. A outra é universitária hoje, casou com um alemão e está morando aqui em Araçagi. Tem um em Tingidor que é vereador. Tem outro lá que é lavrador, que era motorista de uma ambulância que carregava os doentes lá do interior para a cidade, agora ele vai se candidatar e está afastado. E tem outra que é professora em uma comunidade, trabalha dois horários, é normalista. E a outra se formou em enfermagem, depois fez um curso de técnica de enfermagem, passou, que é essa que está em Belo Horizonte para onde a mãe foi se tratar. Essa ainda não casou. Então eu não quis que os meus filhos ficassem mais sem estudar, pelo que eu passei. E o momento que eu tive ali na Câmara, o tanto que eu sofri pelas palavras que eles falavam que eu tinha, e tenho, dificuldade de entender. A pior coisa que tem é a pessoa não estudar.

[FINAL DA FITA 1 – B]

V.A. – Fiquei muito emocionada com a sua história. Quem é que deu o nome de Justo para o senhor?

J.E. – Foi a família, porque o primeiro nome que deram era Lucas e depois passou para Justo. E eu me registrei como Justo e não como Lucas.

V.A. – Mas como que passou para Justo? O senhor desde pequeno já era justo?

J.E. – Quando pequeno, a pessoa é difícil, mas o nome pelo menos já era. Mas eu queria contar um pouco para vocês aquela história dos cabras que nos ameaçaram, que quem coordenava um grupo de capangas do proprietário dentro da área era um sujeito por nome José Alves. E esse José Alves matou um negro para não pagar o trabalho dele, matou no terreiro, meteu uma bala de 38 em cima da caixa do peito. Depois chamou um cabra sem vergonha que tinha lá para ajudar junto com ele a botar uma caixa de fósforo no bolso para dizer que ele estava roubando quando ele matou. Mas na verdade matou no terreiro para não pagar o serviço. Matou um negro esse miserável. Uma outra coisa também: eu fui chamado por esse frei Godofredo, que era um alemão, para passar dois meses em Teresina em um trabalho missionário. Eu e outro rapaz. Nesse trabalho missionário, a gente tinha como objetivo, falar a respeito de política partidária e sindical, a importância da gente ter um trabalhador comprometido na luta, na política partidária. Porque quando a gente não ocupa aquele espaço, a gente que tem compromisso não ocupa aquele espaço, quem não tem compromisso ocupa. Em vez da gente dar opinião, a gente só vai receber opinião dos outros. Porque a gente deixa todos os espaços para os outros. Isso na política partidária. E no movimento sindical, o mesmo movimento que representa a nossa categoria é importante a gente estar também. Então o nosso trabalho, além de ser um trabalho de evangelização, é um evangelho dessa natureza. Despertando um campo político nessa luta das organizações dos trabalhadores rurais como sindicatos. E de lá, trabalhando com esse alemão, ele viu a nossa dedicação, aí eu fui premiado com uma viagem para a Alemanha. Recebi a passagem de avião de ida e volta, recebi a passagem de trem, daquele trem bala para viajar para onde nós quiséssemos noite e dia. E a gente conheceu todas as fronteiras dos outros países com a Alemanha.

V.A. – Em que ano foi isso?

J.E. – Em 1994.

V.A. – O senhor foi com quem?

J.E. – Eu fui com o frei Godofredo, que é um alemão que está há 60 anos aqui no Brasil e com um outro rapaz de Bacabal, de nome Raimundo Silva.

V.A. – Que é negro também?

J.E. – Não é.

V.A. – Mas era trabalhador rural?

J.E. – Trabalhador rural. Hoje já é professor. Estudou, se formou e é professor. Então, na Alemanha, de lá nós fomos a um encontro de outros países em Bruxelas, que é a capital da Bélgica, em um centro lá do governo, muito importante lá. Tinha 48 países reunidos discutindo também a realidade dos países. A gente viu países que sofrem e têm muita miséria, mais do que o Brasil, me parece que o Haiti e outros países que estavam lá. E que ali, a gente entendia um pouco das palavras em Português, transmitidas por aqueles aparelhos que a gente botava no ouvido e apertava um botão e saía em Português, que a gente podia participar justamente daquele debate. Foram oito dias. Era para gente ir para a Itália, porque só eram quatro horas de viagem até a Itália, mas a gente não foi. Ficamos nesse encontro que era muito mais importante porque a gente via a realidade dos outros países. Na Alemanha nós fomos com dois objetivos: eu como trabalhador rural, como lavrador negro e pobre fui para falar a respeito da realidade brasileira, da situação do trabalhador, da situação de miséria que os pobres passam nas palafitas, nos bairros, nos interiores, nas comunidades, e Raimundo Silva para falar a respeito da situação econômica do país. Mas o que eu pude constatar ali é o seguinte: dizem que o Brasil é país do terceiro mundo, mas a gente olhando na Alemanha, conversando e andando como a gente foi, nós fomos até o muro de Berlin que tinha sido recém-derrubado, fomos na outra Alemanha que tinha sido destruída pela Guerra, discutimos, nos reunimos também com pessoas que não são cristãs, não são católicas, não são nada, ninguém podia nem falar em Jesus Cristo, nem de fé. Mas eles tinham uma coisa importante, que era se preocupar para ajudar os países de terceiro mundo.

V.A. – O senhor estava falando: “Dizem que o Brasil é terceiro mundo...”

J.E. – Mas o que eu descobri pelo índice de analfabeto que tem nos outros países, que às vezes é de 2 %, de pessoas que não trabalham, nós estamos em quarto para quinto mundo em pobreza, em atendimento de saúde, em espaço para estudar, nós estamos muito longe. Principalmente o Brasil. Então isso eu pude constatar. E nós tínhamos palestras às vezes quatro vezes por dia, saía de uma e já estava pegando o trem para ir para outra. As palestras eram com os funcionários, aposentados, jovens e crianças. E nós levamos também vídeos para passar a pobreza, os palafitados daqui e eu explicar isso. E angariando recursos, nós passamos seis dias em Bohn lá na casa das irmãs [incompreensível] onde arrumam recursos para ajudar os mais pobres, e nós arrumamos bastante recursos para o movimento da ACR, para fazer curso de capacitação, de conscientização e ajudar as viúvas vítimas da violência, como eu já falei que o movimento trabalhava nesse sentido. E o jovem da Alemanha nos fazia uma pergunta: “Qual o sonho do jovem brasileiro hoje?” A gente viu que é brincar, casar, e alguns que têm esse pensamento de estudar para ter um melhor emprego, pensar em ser juiz, pensar em ser advogado. E eu perguntei: “E vocês aqui?” Ele disse: “Nós não pensamos em estudar para ser médico, nem para ser juiz, nem para ser advogado. A nossa preocupação aqui não é casamento também e nem ter filho, porque isso aqui não pode mais, está cheio. A nossa preocupação aqui é estudar a tecnologia mais moderna do mundo para poder disputar com outros países. Máquinas modernas, foguetes, essa coisa toda. Esse que é o nosso sonho. Nem ser advogado nem ser juiz, isso é ultrapassado para nós aqui. É estudar a tecnologia mais moderna do mundo, os computadores mais modernos, é que é o nosso sonho aqui. E enquanto tem o país de vocês lá que é pobre, nós vivemos melhor. Porque as máquinas mais modernas que funcionam em nosso país são dirigidas por nós daqui, porque vocês não sabem e vocês não estudam”. E a gente quando descobrir isso, que enquanto nós não temos acesso à educação e a saúde é por isso que se mantém no poder em nosso país aqueles que estudaram, aqueles que não tem interesse que nós estudemos, que é para não mudar essas coisas. E é verdade. No período da eleição que Fernando Henrique foi eleito, nós estávamos lá, nós passamos dois meses, outubro e novembro lá. A gente viu por um canal da TV em Português dizendo que Fernando Henrique tinha sido eleito. Lá também estava em período de eleição e você não via um comício, não via um carro de som, não via nada. Só através do meio de comunicação. Enquanto aqui no Brasil o voto é obrigatório, lá é facultativo. Você escolhe o seu representante por capacidade que ele tem. Então eu aprendi muitas coisas quando estive nesses países. Então eu quero dizer o seguinte: eu sou um pobre rico. Porque eu nunca imaginei: negro, sem ter estudado, chegar

onde eu cheguei, alcançar o que eu alcancei. Sou feliz. Quando eu adoeci agora, que eu pensava em morrer, lhe falo por essa luz que eu pensava em morrer. Eu dizia: “Meu Pai, morro. Mas morro satisfeito porque sei que mesmo com esse pouco estudo, mesmo com essa idade, contribuí muito para a felicidade de muitos. Porque a quantidade de trabalhadores rurais, lavradores, que não tinham terras, que viviam ameaçados de serem expulsos, nunca mais, jamais serão expulsos de suas terras. Vão ficar para sempre. E por outro lado: ir aonde eu já fui, ser o que eu já fui, fazer o que eu já fiz, então não existe riqueza maior do que isso, felicidade melhor do que seja essa”. Eu dizia porque eu pensava em morrer mesmo, minha boca entortou toda e meu coração estava querendo... Mas foi só por um testezinho talvez. Vou vier mais um pouco. Mas era isso que eu queria dizer para vocês. E quero dizer mais uma outra coisa: já estou nessa idade, sou satisfeito, não estou muito bem de saúde, mas sou satisfeito, mas se eu voltasse a ser jovem ia lutar muito mais e mais preparado do que lutei. Porque coragem para isso eu ainda tenho. E vou lutar ainda se Deus permitir que eu viva mais. Era isso.

V.A. – Muito bem. Parabéns. O senhor estava falando que hoje em dia as pessoas não vão poder ser mais expulsas de suas terras.

J.E. – Nessas desapropriadas, não.

V.A. – Agora, o senhor disse que o senhor foi expulso, não foi?

J.E. – Fui.

V.A. – Foi expulso por quê? Era pelo João Rodrigues Sampaio, o senhor morava nas terras dele?

J.E. – Por outro proprietário ligado a ele.

V.A. – Porque o senhor morava nas terras desses proprietários?

J.E. – Olha, eu vou lhe contar direitinho. É até vergonhoso. Eu morava na terra mista com esse proprietário. Só que era na terra do meu cunhado. E foi meu cunhado com os familiares dele que me expulsaram.

V.A. – O irmão da sua esposa?

J.E. – O irmão da minha esposa e o compadre dela. E me expulsaram porque eles eram ligados ao proprietário. Então, eles ligados a ele, disseram o seguinte: como eu queria dar terra para os outros, agora eu ia procurar para mim.

V.A. – Não entendi. O senhor morava meio de favor nas terras dele, não?

J.E. – Eu morava lá. Deixa eu ver como lhe explico. A terra deles era ligada a dos outros proprietários, e os outros proprietários eram ligados assim.

V.A. – E como eram os nomes desses outros proprietários?

J.E. – Eram João Rodrigues Sampaio e Raimundo Roma. Esses não eram da nossa família. Da nossa família eram os outros que moravam lá. A minha esposa não era legitimada do pai deles. Só eles eram. E eles aproveitaram ela não ser legitimada e como não gostavam que eu lutasse pelos trabalhadores rurais nas terras dos companheiros deles proprietários, eles se revoltaram também contra mim, defendendo os proprietários, dizendo: “Agora a gente te tira aqui da minha”.

V.A. – O senhor morava na terra deles?

J.E. – Deles, dos meus cunhados. Mas eles eram ligados proprietário com proprietário. Dizendo para eu ficar na minha. Eu acho que eram incentivados também por eles. E me tiraram de lá. Eu perdi tudo. Eu saí para outra comunidade, para o Tingidor de novo, levando arroz e farinha. E quando acabou, pronto. Eu lá não tinha. Só um lavrador me deu uma roça para eu me manter durante um ano até eu ter. E eu ficando lá no meio desse povoado. Mas esse foi o lugar onde

eu tinha nascido, que eu tinha saído e voltei de novo, que até hoje eu tenho casa e até hoje é desapropriada lá, que tinha 100 e poucas casas. Ah, minha amiga...

V.A. – A sua esposa não era reconhecida pelo pai por quê?

J.E. – Ele não registrou no cartório.

V.A. – Por quê? Esqueceu?

J.E. – Esqueceu. E o próprio juiz da cidade disse: “Vocês negarem que essa menina é irmã de vocês, que é o retrato de vocês? Não vou dar a causa contra ela não. Dou a favor”. Mas eles trouxeram para o tribunal aqui. E aqui eles procuraram um advogado, e minha mulher tinha sido babá desse advogado da na casa do pai dele. Ela cuidou dele quando era pequeno. E ele se formou advogado, veio para cá e foi esse advogado que a família procurou para ser advogado contra ela. E ele conhecia, sabia que ela era filha do velho.

V.A. – Ela tinha sido babá dele?

J.E. – Ela tinha cuidado dele.

V.A. – E ele foi contra ela?

J.E. – Foi contra ela.

V.A. – Mesmo ela tendo sido babá dele?

J.E. – Só que quando veio para o Tribunal de Justiça, que deu a causa ganha para os familiares contra ela, ele chegou entrou no banheiro para tomar banho, lá caiu, lá morreu.

A.P. – Que coisa...

J.E. – E eu não recebi nunca a decisão da Justiça. Ele morreu de infarto. Acho que a consciência dele doeu, sabia que ela era filha do velho, ele caiu lá e morreu. Lá dentro do banheiro no mesmo dia.

V.A. – A sua esposa é negra?

J.E. – Da família negra. Mas o pai do pai dela e dos outros irmãos dela era feitor. Eles eram feitores porque eram brancos. A minha mulher é quase da sua cor. Só que a mãe dela é negra.

A.P. – E a mãe é diferente desses outros dois.

J.E. – A mãe é diferente dos outros, são sete irmãos. Só ela é filha dessa mulher negra. Por isso que eles não registraram ela. Então a mãe dela é negra e eles eram... o bisavô dela é que tinha a senzala de negros. Ele era dos brancos, não sei se era descendente de português, mas ele judiava com os lavradores. De maneira que o pai dela ainda fazia todo mundo trabalhar para ele de graça. Ou trabalhava ou saía da terra, porque vinha ainda com aquele espírito do passado do avô dele e do pai dele que tinham escravizado gente. E ela é dessa descendência. Pois é, desse jeito. Mas é do sangue negro. Já meus filhos, tem de toda a cor, mas você não diga para eles que eles são brancos – porque tem um, dois, três, quatro que são da cor de vocês, e os outros puxaram a minha cor.

A.P. – Mas se disser que eles são brancos?

J.E. – Não. Eles não gostam não.

A.P. – Não gostam. É que nem eu então?

J.E. – Pois é. Mas são da sua cor, mas vendo a origem de onde veio... porque na realidade gente a verdade é essa: a primeira mentira que disseram para nós dizia que o nosso Brasil foi descoberto pelos portugueses e na verdade já existiam os índios, não é isso? E se no Brasil entrou português e tinham os índios, de onde tem essa diferença na quantidade de cor? Se nós viemos só com uma geração só? Dali os brancos que vieram de lá se misturaram com as negras,

aí é que tem essa quantidade de gente assim dessa cor, tem um mais claro, um mais escuro. Se você vê meus filhos você não vai dizer que é filho meu. Aí foi limpando, limpando, mas a pura história, nós viemos de uma descendência só. Havia pardo, mulato, essa coisa toda...

V.A. – A discussão de ontem, não é?

J.E. – A discussão de ontem. Se for apurando a história, nós estamos aqui só dois, e esses dois se misturaram e se tornaram só um. Não era nem para ter essa diferença de cor e raça. Porque a nossa origem é uma só, um sangue só, no meu ponto de vista.

V.A. – O senhor falou que no início da sua vida o senhor já trabalhava na conscientização, antes mesmo do senhor entrar para o movimento negro, nas comunidades rurais. O senhor chegou a ter contato com as Ligas Camponesas dos anos 1950? Aquelas do Francisco Julião, não?

J.E. – Dos anos 50 não, porque em 1950 eu era muito novo. Em 1955 eu me casei e tinha só 17 anos. Eu só ouvia falar das histórias.

V.A. – O senhor nasceu em 1935?

J.E. – Eu nasci em 35.

V.A. – Então em 1955 o senhor tinha 20 anos.

J.E. – Era. Mas eu vou lhe falar por que 35. Eu sou baseado no meu documento, mas na verdade eu nasci no dia 18 de outubro de 1937. Mas o que aconteceu? Quando eu estava com 17 anos, nessa época, no tempo das eleições tinha um curral eleitoral. E tinha uma pessoa, que justamente cunhada da minha mulher, que ajudou a expulsar ela, mas nesse tempo ela arrumava aqueles currais eleitorais, e qualificava em quantidade de jovens. Só que eu com a idade de 17 anos não podia me qualificar porque a idade mínima era de 18 anos na época. E aí ela aumentou a minha idade para poder me qualificar para poder votar no candidato dela. E então eu pego hoje a minha idade pelo meu documento, entendeu?

V.A. – E o senhor votou no candidato dela?

J.E. – Votei. Nesse tempo a gente estava em paz. Eu ainda não tinha entrando na luta em 1955 porque eu era jovem, muito jovem. Vivía longe da terra, os pés não estavam assentados no chão. Depois que eu me casei foi que eu comecei a ver a coisa por outro ângulo. Viu que história bonita, sofrida, destorcida? Então, tem mais uma perguntinha? [risos]

A.P. – O senhor quer dizer mais alguma coisa?

J.E. – Eu aprendi uma história que já terminei de falar. E uma eu vou dizer. Em um encontro da ACR um padre fez um esclarecimento assim: ele botou uma pessoa dali, botou outra dali e botou outra no meio, porque o nosso trabalho era baseado no evangelho. Evangelho tem que ter essa dimensão de fé baseada em Jesus Cristo, ver o que ele fez para os pobres, como ele fez para os pobres para a gente poder pegar essa experiência e lutar. Então ele disse: “Olha, o do meio aqui é Jesus Cristo. Lá um lavrador. Aqui um todo ferido”. Bom, e aí Jesus Cristo. Aí dizia assim: “Se os três chamassem pedindo socorro, o lavrador, o ferido e Jesus Cristo dizendo: ‘Venha depressa onde eu estou’. A quem você correria primeiro?” E aí o pessoal respondeu: “A Jesus Cristo”. E outros ficaram calados. Quando terminou: “Não tem mais ninguém a falar?” “Não”. Ele disse: “Não chegava nunca. Tu corria era para ele?” “Era”. “Não chegava nunca”. “Mas como não chega nunca?” “Porque Jesus Cristo não está fora da vida do lavrador que sofre nem daquele mendigo. Na hora que você caminhar para ajudar o lavrador, para ajudar o mendigo, é a ele que você está ajudando. Aí você chega. Caso contrário você não chega nunca. Porque na hora que você está fazendo para o mais humilde, o mais precisado, é para o seu Pai que você está fazendo. E é assim que é a vida”. E aí ele contou uma história, disse: “Tinha um jovem que nunca tinha ido na igreja, não sabia o que é comungar, nunca tinha rezado, mas tinha vontade de ver Jesus Cristo. E ele disse que um dia ele via. Quando foi um dia ele disse para a mãe dele: ‘Mãe, eu vou sair e me encontrar com Cristo’. ‘Como se tu não reza, tu não te confessa, tu não comunga, tu não faz nada? Tu vai ver Cristo?’ Ele disse: ‘Vou sim’. E ele saiu. Quando saiu se deparou com uma igreja que ele nem sequer sabia que era igreja, e olhou ao fundo da igreja viu uma imagem lá”. E você sabe que essas imagens grandes de Cristo eles fazem preparadas de um jeito, que para o lado que você torce ela está olhando.

Uma vez quando eu fui em Fortaleza com a mulher, e para o lado que ela torcia a imagem estava olhando, a imagem grande assim [incompreensível] quando eu vi ela começou a chorar, dizendo que ele estava olhando para ela lá. E assim foi com o lavrador. E ele olhou para a imagem daquele jeito e disse: “Olha, se eu visse e me encontrasse com quem fez contigo assim, eu o vingaria”. E ele começou a dizer aquilo. E uma hora Ele respondeu: “Olha, talvez tu és um dos que fizeram isso em mim”. Ele disse: “Como?” Ele disse: “Vai para a tua casa que eu vou lá te explicar”. E ele voltou. Só tinha uma galinha esse pobre, casa bem pobre. Ele chegou em casa e disse: “Mulher eu vou ter uma visita aqui hoje de uma pessoa que eu fiquei muito comovido, revoltado de ver a situação dele. Mate essa galinha para esperar ele”. A mulher disse: “Mas marido, nós só temos uma única”. Ele disse: “Mate”. E ela matou, preparou como de costume nós preparamos no interior a galinha de uma vez só. Aí esperou. Quando deu dez horas chegou um lavrador, como os muitos que tem nas nossas comunidades, e ele olhou e disse: “Mulher, aquele homem vem com fome”. Ela disse: “Mas tu está esperando o homem que tu falou”. Ele disse: “Mas tira um pedaço”. Ela tirou e deu para ele comer, ele agradeceu e voltou. Depois chegou outro pior, ele disse a mesma coisa. Ela disse: “Marido, mas vai chegar o homem aqui e vai achar só o caldo”. Ele disse: “Mulher, a galinha tem catorze pedaços”. Como diziam no interior. “Tire mais um e bote para ele”. Ela botou com farinha, não sei com que foi, ele almoçou e voltou. Depois apareceu um todo rasgado, todo mendigo, todo largando os pedaços, ele disse: “Mulher, ali é que vem um ruim, e aquele que está mesmo com fome demais. Tira um outro pedaço”. A mulher: “Marido, vai resultar não ficando mais nada”. Ele deu e depois voltou. Aí esperou, deu onze, meio-dia e nada. Ele volta a igreja e está lá: “Você me enganou?” “Como assim?” “Você não foi lá. Foram só uns pobres lá”. “Você deu comida a eles?” “Dei”. “Pois todos os três que foram lá na sua casa fui eu que fui”. Aí eu fiquei ruim quando ele contou essas histórias, esses dois exemplos aí. O que eu quero dizer, encerrando as minhas palavras, é que quem não vive na vida para servir não serve também para viver.

V.A. – Só uma perguntinha: esse seminário em Teresina, que tem o frei Godofredo, qual é o seminário?

J.E. – Nós fomos em Socopa Grande, tivemos em Socopinha, e essa comparação foi no interior de Peri-Peri.

V.A. – Não, digo assim, aquele que o frei Godofredo que levou o senhor para a Alemanha.

J.E. – Ah sim.

V.A. – Qual é o seminário?

J.E. – Foi em várias comunidades que se davam, nós não tínhamos encontro na sede. Era só nas comunidades.

V.A. – Mas ele ficava em Teresina?

J.E. – Não, ele ia junto conosco. Ele tinha um Toyota.

V.A. – Mas ele tinha lá o seminário, ele era de Teresina?

J.E. – Não. Ele esteve no Piauí, mas ele estava aqui no Maranhão em Bacabal.

V.A. – O senhor de que ele era frei, dominicano, franciscano?

J.E. – Franciscano. Mas minha moça, ali morria e matava por lavrador, matava de raiva, não matava de outra coisa. Mas eu nunca vi um santo como aquele e o padre João Maria. É muito difícil. Desses padres que eu estou lhe falando, dois foram mortos, mas morriam e viviam pelos lavradores. Eu nunca vi santidade como esse padre Miguel. Nas nossas comunidades dormiam do jeito que a gente dormia, comia o que a gente também comia, arrumavam recursos para fazer encontros de três dias, esses padres. Era pela comunidade. Foi na comunidade que ele contou o exemplo assim.

V.A. – Está ótimo. Já podemos desligar.

[FINAL DO DEPOIMENTO]